

# A narrativa da Copa do Mundo de 1950 nas crônicas jornalísticas de Nelson Rodrigues

## The narrative of the 1950's World Cup in journalistic chronicles of Nelson Rodrigues

Rafael Duarte Oliveira VENANCIO<sup>1</sup>

Amanda Franciele SILVA<sup>2</sup>

### Resumo

A Copa do Mundo de Futebol de 1950, realizada no Brasil, foi marcada pelo Maracanazo, a derrota da seleção brasileira para o Uruguai na final. Presente na memória do jornalismo esportivo, Nelson Rodrigues utiliza o campeonato em suas crônicas jornalísticas escritas posteriormente. Esta pesquisa estuda o papel da Copa de 1950 em três destes textos, publicados originalmente em 1958, 1959 e 1977. A análise ocorreu por meio da Narratologia e o modelo atuacional de Greimas, demarcando os lugares narrativos utilizados.

### Palavras-chave

Crônica jornalística; Copa do Mundo de 1950; Nelson Rodrigues; Futebol; Narrativa.

### Abstract

The 1950 World Cup was held in Brazil and was marked by Maracanazo - the defeat of the Brazilian team against Uruguay in the finals. The competition is present in the memory of the sports journalism and Nelson Rodrigues uses the championship in its written journalistic chronicles later. This research studies the role of the 1950 World Cup in three of these texts, originally published in 1958, 1959 and 1977. The analysis was carried out through the Narratology and the actantial model of Greimas, lining off narrative places used.

### Keywords

Journalistic chronicles; 1950 World Cup; Nelson Rodrigues; Soccer; Narrative.

RECEBIDO EM 05 DE FEVEREIRO DE 2016  
ACEITO EM 16 DE JUNHO DE 2016

<sup>1</sup> Jornalista. Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo. Professor do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia. É coordenador do Grupo de Pesquisa ESPORTÍDIA - Estudos Analíticos de Esporte, Jogos e Mídia (FACED/UFU) e do Projeto de Extensão "Tirinhas Olímpicas: História dos Jogos Olímpicos em Quadrinhos para Mídias Sociais" (PEIC 2016 - PROEX-UFU). Contato: rdovenancio@gmail.com

<sup>2</sup> Jornalista. Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia. Contato: amandafsilva@live.com

O escritor brasileiro Nelson Rodrigues é lembrado pelo dramaturgo conceituado que foi, porém possuía outra faceta importante que é esquecida: o jornalista. Rodrigues manteve seu lado jornalístico ligado à família. Em 1955, começou a escrever crônicas esportivas no “Jornal dos Sports”, do irmão Mário Filho, onde publicou até 1966 (MARQUES, 2000).

Nelson Rodrigues manteve várias colunas, não somente de futebol, mas também sobre boxe, remo, basquete e alpinismo, entre outros. Enquanto escrevia crônicas esportivas, dividia o tempo com o desenvolvimento de peças, livros e outros projetos. Posteriormente, Rodrigues levou suas crônicas para a televisão, participando de programas e mesas-redondas.

A presença da Copa do Mundo de Futebol de 1950 é constante nas crônicas esportivas de Rodrigues. O acontecimento é utilizado para realçar e exemplificar as expressões de emoção e identidade da nação brasileira, seja no momento de comemorar as vitórias no tricampeonato, nas derrotas ou ainda no comportamento social do país.

A Copa de 1950 foi a primeira a ser sediada no Brasil e a primeira a ser realizada após a Segunda Grande Guerra Mundial. Com apenas 13 seleções, seis estádios, números de jogos diferentes para cada país e sem “mata-mata”, as seleções classificadas jogaram um novo formato disputado unicamente nessa competição (PERDIGÃO, 2000).

O Brasil avançou para a fase final e possuía grandes chances de título, porém, perdeu o campeonato para o Uruguai no último jogo da competição. A derrota inesperada da seleção brasileira foi considerada como tragédia (PERDIGÃO, 2000). Assim, a imaginação dos que vivenciaram o acontecimento e o fato em si, possibilitaram o não esquecimento do fatídico dia, que continua a ser assunto mais de seis décadas depois.

Rodrigues foi um dos brasileiros que manteve viva a lembrança da derrota, não esquecida mesmo após o tricampeonato mundial conquistado pelo Brasil, em 1970. A Copa de 1950 é parte importante da narrativa posterior e, apesar do autor não ter realizado a cobertura do evento especificamente. Como, mesmo não tendo coberto a Copa de 1950, ela se faz presente nas crônicas de Nelson Rodrigues?

Para responder ao questionamento, analisamos o lugar narrativo da Copa do Mundo de Futebol de 1950 nas crônicas esportivas de Nelson Rodrigues escritas após a sua realização. Além disso, descrevemos como as crônicas da Copa de 1950 são um componente da memória esportiva brasileira.

## **Futebol, Copa de 1950 e a Imprensa Esportiva de Nelson Rodrigues**

O futebol é um esporte em que a imprevisibilidade do placar e a democratização da atividade são fatores fundamentais para despertar o interesse e a paixão. Porém, o jogo não se resume ao placar final, mas ao conjunto.

Nelson Rodrigues observa com grande propriedade o sentido de que o esporte e o futebol, particularmente, não podem ser resolvidos apenas em equações numéricas de avaliação de desempenho, seja por número de pontos, gols, marcas etc., uma vez que se trata, efetivamente, de práticas lúdicas cuja dimensão extrapola o próprio resultado da competição. (MARQUES, 2000, p. 36).

Filho de Mário Rodrigues e irmão de Mário Filho, ambos jornalistas, Nelson Rodrigues cresceu nos jornais da família e, trabalhando ali desde os 13 anos, inicialmente como repórter policial, nunca abandonou os caminhos da família: permaneceu jornalista ao longo da vida (CASTRO, 1992). Escreveu inúmeras crônicas esportivas para jornais reconhecidos e consagrou também vários jogadores, como Didi, o “Príncipe etíope do rancho”; Amarildo, o “Possesso” e Denilson, o “Rei zulu”, além de expressões, como “pátria de chuteiras” e “complexo de vira-latas”, e personagens, como o “sobrenatural de Almeida”.

Encantado por futebol, antes de fazer da seleção brasileira uma de suas grandes paixões, era pelo Andaraí, da vizinhança de onde morava, que “Nelson torcia fervorosamente na companhia de um garoto que também morava por ali [...]. Os dois se empoleiravam no muro de um vizinho para ver os jogos do Andaraí, cujo campo ficava perto de suas casas” (CASTRO, 1992, p. 32). Mas, em 1919, Nelson Rodrigues descobriu o Fluminense e converteu-se em torcedor tricolor declarado.

Mas, aquele ano, nem Mário Filho e muito menos Nelson tinham dinheiro e idade para fazer com frequência a longa viagem [...] para ver o Fluminense jogar. Quem fazia isto, todos os domingos, era Milton, o mais velho. [...] Nelson e Mário Filho tornaram-se

tricolores quase de ouvido, pelos relatos de Milton sobre a campanha do tri de 1917/1918/1919. (CASTRO, 1992, p. 31-32).

Posteriormente, ia ao maior número de jogos possíveis, mesmo sem enxergar direito, por causa da perda de parte da visão, seqüela da tuberculose. Da arquibancada, vivenciou um dos maiores traumas do Brasil, o Maracanazo - a derrota da seleção brasileira para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950. Nunca se esqueceu do fato que ocorreu no Estádio que seu irmão ajudou a erguer: o Maracanã ou, atualmente, Estádio Municipal Mário Filho.

A Copa do Mundo de Futebol é o mais importante evento esportivo do mundo entre seleções de futebol, sendo organizada pela FIFA e realizada desde 1930, de quatro em quatro anos, com mudança de país-sede. Após três edições, porém, ocorreu a Segunda Guerra Mundial, impedindo a realização da competição, que voltou em 1950 (BAGGIO, 2013).

O Brasil, país-sede da 4ª Copa do Mundo, propôs ao comitê organizador que o campeonato fosse disputado com uma nova fórmula. As seleções classificadas seriam divididas em quatro grupos com quatro participantes cada, jogando entre si. Os vencedores de cada grupo jogariam o quadrangular final, sendo campeã aquela que tivesse maior pontuação (BAGGIO, 2013, p. 27).

Com desistência de seleções classificadas, os grupos – sorteados previamente – foram organizados em quatro chaves de maneira desigual. Sendo, grupo 1: Brasil, Iugoslávia, México e Suíça; grupo 2: Inglaterra, Estados Unidos, Espanha e Chile; grupo 3: Itália, Suécia e Paraguai; e grupo 4: Uruguai e Bolívia (BAGGIO, 2013).

Consideradas favoritas, a Inglaterra e a Itália encerraram sua participação ainda na primeira fase. Bicampeã mundial de 1934 e 1938, a seleção italiana perdeu vários jogadores titulares em um acidente aéreo – conhecido como Tragédia de Superga – um ano antes da Copa de 1950 e jogou fragilizada (BAGGIO, 2013). Já a seleção inglesa protagonizou a maior “zebra” das Copas do Mundo. Os ingleses encararam a seleção dos Estados Unidos, formada de última hora por amadores e imigrantes, e perdeu por 1x0 (BAGGIO, 2013).

As equipes que passaram para a fase seguinte, o quadrangular final, foram: Brasil, Espanha, Suécia e Uruguai. Como a campeã da Copa de 1950 seria a que conquistasse mais pontos, a competição não possuiu de fato um jogo final. Os resultados coincidiram para que o jogo entre

Brasil e Uruguai fosse decisivo, pois, apesar do empate ser o suficiente para a seleção brasileira sair campeão, a Celeste era a única capaz de, com a vitória, tirar o título do país-sede (BAGGIO, 2013). Antes do último jogo, o Brasil estava com quatro pontos, enquanto Uruguai tinha três.

Segundo Perdigão (2000, p. 96), as boas atuações de véspera criaram um clima de vitória antecipada. No quadrangular final, o Brasil goleou a Suécia por 7 a 1 e inflou a confiança do país. Na partida seguinte, a goleada por 6 a 1 sobre a Espanha, na partida que é considerada uma das melhores atuações brasileiras. Depois de construído o placar elástico, os 170 mil torcedores presentes entoaram a marcha carnavalesca "Touradas em Madri".

O fato do Uruguai ter vindo de uma campanha de altos e baixos, contribuiu para as esperanças brasileiras. A seleção uruguaia estreou no quadrangular final contra a Espanha em um jogo difícil. A Celeste, que não teve grande atuação, "só conseguiu o empate aos vinte e oito minutos da etapa final, graças a Obdulio" (BAGGIO, 2013, p. 31). Obdulio Varela, "El Grán Capitán", era o líder incontestável do Uruguai e "foi sem dúvida o maior responsável, em campo, pela conquista do título" (BAGGIO, 2013, p.31).

O jogo seguinte, contra a Suécia, também foi difícil. Segundo Baggio (2013, p. 32), "a virada uruguaia faltando pouco para o jogo terminar foi sem dúvida uma grande demonstração de garra. Os uruguaios iriam demonstrá-la com muito mais ênfase três dias depois".

Com base nas campanhas, os 200 mil torcedores, a imprensa e os dirigentes que compareceram ao Estádio Maracanã estavam convictos de que presenciariam uma exibição de placar elástico (PERDIGÃO, 2000). Porém, o que presenciaram em 16 de julho de 1950 foi o Macarazano, uma trágica surpresa que marcou toda uma nação.

Enquanto isso, os jogadores, dirigentes e torcidas do Uruguai estavam quietos, pessimistas e pensavam em não tomar goleada, mas "se não é aconselhável subestimar seu adversário, pior foi mexer com seus brios" (PERDIGÃO, 2000, p. 95).

O que se viu em jornais nacionais foi a parcialidade e o favoritismo da seleção brasileira, decretada antecipadamente vencedora do campeonato. A manchete mais lembrada é do jornal "O Mundo", que publicou na véspera da partida final a foto do time brasileiro com a frase "Estes são os Campeões do Mundo!" (PERDIGÃO, 2000). Os jornais chegaram aos jogadores uruguaios e houve reação.

O Uruguai começou a vencer o jogo ainda no vestiário, poucos antes de entrarem em campo, Obdulio Varela reuniu os jogadores e procurando animá-los para a disputa, com autoridade disse que todos deviam esquecer a torcida e o clima contrário e que em campo seriam apenas onze contra onze. (BAGGIO, 2013, p. 33).

Ao contrário do Uruguai que se esforçava em campo, motivados por Obdulio, o Brasil não jogava bem. O primeiro tempo terminou em zero a zero. É importante lembrar que o empate daria a vitória a seleção brasileira. A torcida, no entanto, continuava confiante de que, após o primeiro gol, viria a goleada esperada e apoiava o time. O gol veio dos pés de Friaça, a um minuto e 18 segundos no segundo tempo de jogo (PERDIGÃO, 2000).

Depois do gol brasileiro, “o capitão da Celeste imediatamente tomou as rédeas do jogo. Apanhou a bola na meta uruguaia e começou a gritar com todos que estivessem à sua frente. O time uruguaio poderia desmontar, graças à atitude de seu capitão, recuperou o ânimo e passou de caça a caçador” (BAGGIO, 2013, p. 33).

O público, que estava impaciente, levantou-se logo com as bandeiras, os lenços, esperando a goleada a que estava acostumado. Aí, formou-se o ambiente de vitória. Quando Schiaffino, marcou o primeiro gol, houve um silêncio tão grande no Maracanã que os jogadores ficaram com trauma. Sentindo isso, os uruguaios começaram a atacar e a dominar as ações, até que saiu o segundo gol. (COSTA apud PERDIGÃO, 2000, p. 126).

Mesmo com o gol uruguaio, o Brasil ainda seria campeão. Porém, a derrota foi consumada, pelos pés de Ghiggia, faltando 11 minutos e 28 segundos para o título brasileiro (PERDIGÃO, 2000). Ghiggia marcou em todos os jogos do Uruguai e fez, na final, o gol mais importante da carreira, virando herói, enquanto o goleiro brasileiro Barbosa é considerado um dos principais culpados pela derrota do Brasil por “falhar” no segundo gol uruguaio. “A seleção brasileira perdeu dentro de campo. Dentro do gramado do Maracanã, quando permitiu que o Uruguai fizesse dois gols” (COSTA, 1986 apud PERDIGÃO, 2000, p. 13).

Para Perdigão (2000, p. 14), “além de ser o jogo mais lendário, tantas as narrativas fabulosas que sobre ele se criaram no decorrer dos anos, sobretudo devido à falta de suficiente documentação (não havia televisão, quase todos os filmes se perderam, as fotos são escassas)”. Apesar disso, há produtos – documentários e livros – feitos

posteriormente, por ambos os países, com depoimentos e histórias que relembram o jogo de 16 de julho de 1950.

O goleiro Máspoli (apud PERDIGÃO, 2000, p. 26) afirmava que “o resultado [...] teve tal impacto que jamais será esquecido. Já se transcorreu meio século e continua sendo assunto de jornal”. Disso decorre a utilização do Maracanazo em matérias que tratam de tragédias no futebol, principalmente no que se refere a competições entre seleções nacionais.

Em 2013, a Copa das Confederações foi realizada no Brasil, teve sua final no Maracanã e o Brasil ganhou por 3 a 0 da Espanha. Para falar da derrota da então campeã mundial de 2010, a imprensa espanhola adaptou o termo Maracanazo para “Maracantazo” e/ou “Neymarazo” (GLOBOESPORTE.COM, 2013). No ano seguinte, após 65 anos, o Brasil voltou a realizar o campeonato no país. Na Copa do Mundo de 2014, a seleção brasileira vivenciou outra derrota: a goleada de 7 a 1 para a Alemanha, em 08 de julho de 2014, pelas semifinais da competição. E novamente a tragédia de 1950 foi lembrada nas manchetes de jornais (7 CAPAS..., 2014). Porém, o que se viu nas manchetes foi a romantização da derrota.

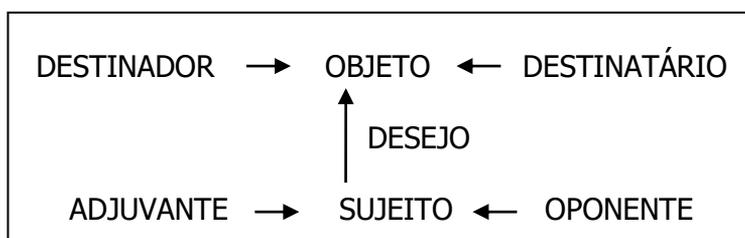
Assim, entendemos que a memória é importante para o jornalismo esportivo. Por meio dela consegue-se construir a história das equipes e estabelecer ídolos, lendas, recordes e rivalidade, dados utilizados constantemente para comparar equipes e jogadores. As memórias da Copa de 1950 são reais, mas passaram por interferências, como a ausência de documentação e também a imaginação e os sentimentos da população. Rodrigues também selecionou o seu próprio conjunto da história e o transmitiu em suas crônicas.

## Metodologia

O corpus dessa pesquisa se constitui em três crônicas das coletâneas “À sombra das chuteiras imortais” (1993) e “À pátria de chuteiras” (1994) de Rodrigues. Após estudo realizado nos livros e verificação da presença da Copa de 1950 na escrita, foram encontradas sete crônicas na coletânea de 1993 e 12 crônicas na de 1994, sendo selecionadas as crônicas: “Complexo de Vira-latas”, de “À sombra das chuteiras imortais”, “A eternidade de Barbosa” e “O essencial é supérfluo”, ambas de “À pátria de chuteiras”. Para analisa-las, utilizamos como metodologia os conceitos da Narratologia de Greimas, juntamente com as características de crônica esportiva brasileira e a memória.

Greimas possuiu dois modelos de estudo narratológico, o modelo atuacional e o modelo transformacional. O modelo a ser utilizado nesta pesquisa é o atuacional, que tenta responder a pergunta: quais são as relações recíprocas e o modo de existência em comum dos atuantes de um micro-universo?

Greimas (1973, p. 231) identificou, com base em Propp e Sourian, que os dois opostos em uma narrativa são o “sujeito vs objeto”. O sujeito é o personagem principal e sempre estará em busca de algo, movido pelo desejo, que lhe foi tirado. Greimas (1973) também analisa que o sujeito é referente ao destinatário e o objeto é referente ao destinador, uma vez que o destinador chama o personagem principal para a ação. Outros atuantes presentes e distintos são “adjuvantes vs oponentes”. Enquanto o adjuvante auxilia na busca do desejo, o oponente se opõe, criando obstáculos (GREIMAS, 1973). Greimas (1973) esquematizou, assim, o modelo atuacional de análise da narrativa (Figura 6).



**Figura 1: Modelo atuacional de Greimas**

**Fonte:** Greimas (1973, p. 236)

Com o modelo atuacional proposto por Greimas e acima diagramado, analisamos a narrativa das três crônicas de Nelson Rodrigues selecionadas.

## **Complexo de Vira-Latas**

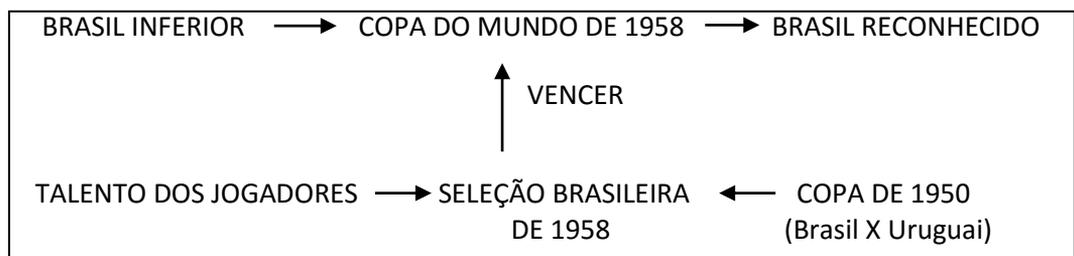
A crônica “Complexo de vira-latas” foi originalmente publicada na revista “Manchete esportiva” em 31 de maio de 1958, sendo a última de Nelson Rodrigues antes da estreia brasileira na Copa de 1958 (RODRIGUES, 1993, p. 51-52). Nela, o jornalista escreve sobre a viagem da seleção brasileira para disputar a Copa de 1958 – o Brasil ainda não possuía nenhum título de campeão mundial – e destaca o sentimento de desesperança do torcedor nacional para com a vitória na competição.

Diante da reação da torcida, Rodrigues (1993, p. 51) questiona se “não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e

envergonhado”. O jornalista afirma que desde a dolorosa derrota brasileira para os uruguaios, na Copa de 1950, quando Obdulio nos arrancou o troféu, adquirimos o “complexo de vira-latas”, sentimento de inferioridade.

Nelson Rodrigues ainda argumenta que a seleção brasileira tem inúmeros jogadores de qualidade que poderiam vencer a Copa de 1958, pois “o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo” (RODRIGUES, 1993, p. 52).

Para entender a narrativa e o papel da Copa do Mundo de 1950 nesta crônica, encontramos os sete atuantes (Figura 1) propostos por Greimas (1973).



**Figura 2: “Complexo de vira-latas” no modelo atuacional de Greimas**

**Fonte:** Elaboração da autora a partir de Greimas (1973)

A seleção brasileira de 1958 é o sujeito da crônica de Rodrigues: “Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana” (RODRIGUES, 1993, p. 51). É importante lembrar que sujeito sempre está em busca de algo, e a seleção desejava vencer a Copa de 1958 (objeto), realizada na Suécia, tornando-se, pela primeira vez campeã mundial no futebol.

Ainda segundo Greimas (1973), o sujeito é referente ao destinatário, ou seja, se a seleção brasileira fosse campeã, o Brasil seria reconhecido (destinatário) e passaria a ter fé em si mesmo, como Rodrigues (1993, p. 51) afirma: “se o Brasil vence na Suécia, e volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício”. O destinador, por sua vez, é referente ao objeto e chama o sujeito para ação, ou seja, a situação de país inferior (destinador) provoca a seleção a buscar a vitória.

Na busca pelo desejo, a seleção encontra ainda o oponente e o adjuvante. O adjuvante auxilia a seleção, neste caso é o talento dos jogadores nacionais.

Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: – não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: – qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. (RODRIGUES, 1993, p. 52).

Enquanto o talento dos jogadores é positivo, a Copa de 1950 (oponente), especialmente o Maracanazo e Obdulio Varela, se opõe a seleção de 1958.

Eis a verdade, amigos: – desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: – "extraí" de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvidas: – é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: – o pânico de uma nova e irremediável desilusão. (RODRIGUES, 1993, p. 51).

A Copa de 1950 criou um obstáculo: o "complexo de vira-latas", como segundo Greimas (1973), é característico do oponente.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. [...] Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: – porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos. [...] O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar. (RODRIGUES, 1993, p. 52).

Definido os sete atuantes, pode-se concluir que, mesmo passados oito anos do Maracanazo, a Copa de 1950 ainda estava viva na memória dos brasileiros: “o tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem”. (RODRIGUES, 1993, p. 51).

Ao utilizar o campeonato como oponente da seleção nacional de 1958, o dramaturgo interfere na construção da memória, segundo Le Goff (1990), pois escolhe elementos específicos para retratar o mundial. Entre tantos acontecimentos possíveis, apresenta o Maracanazo, episódio do jogo final, e a agressividade de Obdulio, líder do Uruguai de 1950.

A escolha de frases como “sofrer, na cara e na alma”, “humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar”, “dor tão grande”, “aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título” e “Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos” (RODRIGUES, 1993, p. 51-52) reforçam o trauma e o sofrimento presentes na memória de Nelson Rodrigues.

No estudo da crônica, baseado em Marques (2000), ainda é possível identificar traços da estrutura utilizada por Rodrigues. O jornalista escreve se incluindo como membro da torcida, não escondendo sua parcialidade: “eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: – sou de um patriotismo inatural e agressivo” (RODRIGUES, 1993, p. 52).

Outra característica da crônica é estrutura folhetinesca, com sentimentalismos (a dor e a falta de fé) e personagens e situações estereotipadas. Além disso, há a adição de enredos paralelos, como é o caso da Copa de 1950 ligada ao vira-latismo de 1958. Outra prática comum de Rodrigues é usar a expressão “amigos” e iniciar o texto com algum caso cotidiano, como a viagem da seleção, e relacioná-lo com o assunto de que ele vai tratar: o sentimento brasileiro. O escritor captou o valor de projeção cultural que o esporte adquiria na sociedade.

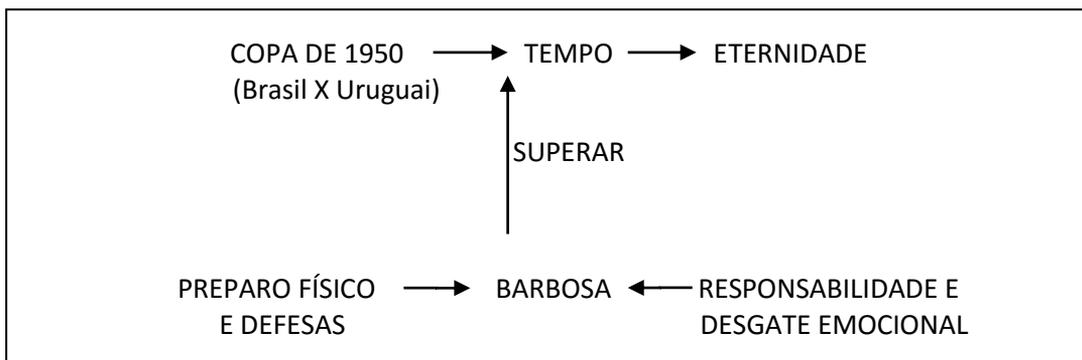
## A eternidade de Barbosa

A crônica “A eternidade de Barbosa” foi originalmente publicada na revista “Manchete esportiva” em 30 de maio de 1959, após a vitória do Santos por 3 a 0 sobre o Vasco (RODRIGUES, 1994, p. 68-70). Nela, Rodrigues escreve sobre Barbosa, goleiro da seleção brasileira em 1950 e ídolo do Vasco, que se aposentou aos 41 anos, tinha 38 na data da crônica – o jornalista utiliza a idade de 37 anos (RODRIGUES, 1994, p. 68).

Rodrigues fala sobre a idade do jogador de futebol, que aos 37 anos é de uma “velhice irremediável” para a profissão. Porém, defende

que “não existe a menor relação entre Barbosa e a sua idade” (RODRIGUES, 1994, p. 68). O goleiro do Vasco é uma “figura ágil, elástica, acrobática” e seu problema consiste no “constante, um ininterrupto desgaste emocional”, pois “um lapso do arqueiro pode significar [...] a derrota” (RODRIGUES, 1994, p. 69).

O jornalista utiliza, então, a Copa de 1950 para exemplificar a responsabilidade do goleiro, uma vez que “o gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno” de Barbosa (RODRIGUES, 1994, p. 69). Dada à importância daquela derrota, Rodrigues julga que ao “sobreviver” a 1950, Barbosa passa a ser eterno. Nove anos depois, o goleiro ainda consegue fazer grandes defesas contra o Santos de Pelé. Para entender a narrativa e o papel da Copa do Mundo de 1950 nesta crônica, encontramos os sete atuantes (Figura 2) propostos por Greimas (1973).



**Figura 3: “A eternidade de Barbosa” no modelo atuacional de Greimas**  
**Fonte:** Elaboração da autora a partir de Greimas (1973)

O goleiro Barbosa é o sujeito da crônica de Rodrigues: “e porque, na sua eternidade salubérrima, ainda fecha o gol, eu faço de Barbosa o meu personagem da semana” (RODRIGUES, 1994, p. 70). É importante lembrar que sujeito está em busca de algo, e Barbosa desejava superar o tempo (objeto) e continuar a jogar futebol.

Não existe a menor relação entre Barbosa e a sua idade. Ou melhor: – idade e pessoa não coincidem no arqueiro vascaíno. Ele tem o quê? Uns 37, 38 anos. Para as outras atividades, o sujeito pode ter isso ou mais, impunemente. Mas o tempo, no futebol, é rapidíssimo. Um minuto vale um mês ou mais. E, aos 37 anos, o indivíduo é gagá para a bola, e insisto: – o indivíduo baba de uma velhice irremediável. (RODRIGUES, 1994, p. 68).

Ainda segundo Greimas (1973), o sujeito é referente ao destinatário, ou seja, se o goleiro persistisse jogando bem, alcançaria a

eternidade (destinatário): “e quando Barbosa joga acontece apenas isto: – ele esfrega a sua eternidade na cara da gente” (RODRIGUES, 1994, p. 68). O destinador, por sua vez, é referente ao objeto e chama o sujeito para ação, ou seja, a Copa de 1950 (destinador), principalmente o “frango” no segundo gol do Uruguai, provoca Barbosa para mostrar que continua “vivo” para o futebol.

Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota. O gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. [...]

Qualquer um outro estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio: – “Aqui jaz Fulano, assassinado por um frango.” Ora, eu comecei a desconfiar da eternidade de Barbosa quando ele sobreviveu a 50. Então, concluí de mim para mim: “Esse camarada não morre mais!” Não morreu e pelo contrário: – está cada vez mais vivo. (RODRIGUES, 1994, p. 69).

Na busca pelo desejo, o goleiro brasileiro encontra ainda o oponente e o adjuvante. O adjuvante auxilia Barbosa, neste caso é o seu bom preparo físico, pois os cabelos brancos são “o único detalhe de velhice na sua figura ágil, elástica, acrobática” (RODRIGUES, 1994, p. 69). Derivado do seu preparo há ainda suas defesas.

Começa o jogo e, imediatamente, Pelé invade, perfura e, de três metros, fuzila. Fosse outro, e não Barbosa, estaria perguntando, e até hoje: – “Por onde entrou a bola?” Barbosa defendeu e com que soberbo descaro! Daí para frente, a partida se limitou a um furioso duelo entre o solitário Barbosa e o desvairado ataque santista.

Foi patético, ou por outra: – foi sublime. E porque, na sua eternidade salubérrima, ainda fecha o gol, eu faço de Barbosa o meu personagem da semana. (RODRIGUES, 1994, p. 69-70).

Enquanto o preparo físico de Barbosa é positivo a sua continuação “eterna” no futebol, a responsabilidade e o desgaste emocional (oponentes) se opõe a Barbosa.

Ele sofre um constante, um ininterrupto desgaste emocional. [...] Ele traz consigo uma sensação de responsabilidade que, por si só, exaure qualquer um. Amigos, eis a verdade eterna do futebol: – o único responsável é o goleiro, ao passo que os outros, todos os outros, são uns irresponsáveis natos e hereditários. (RODRIGUES, 1994, p. 70).

Ainda segundo Greimas (1973), é característica do oponente a criação de obstáculo, que nesse caso é a impossibilidade de erro de um goleiro. Rodrigues (1994, p. 69) destaca que “um atacante, um médio e mesmo um zagueiro podem falhar. Podem falhar e falham vinte, trinta vezes, num único jogo. Só o arqueiro tem que ser infalível. Um lapso do arqueiro pode significar um frango, um gol, e, numa palavra, a derrota”.

Após demarcar os sete atuantes, pode-se concluir que, mesmo passados nove anos do Maracanazo, a derrota de 1950 continua viva: “o gol de Ghiggia ficou gravado, na memória nacional, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado ‘frango’ de Barbosa” (RODRIGUES, 1994, p. 69).

O dramaturgo interfere na construção da memória, segundo Le Goff (1990), escolhendo elementos traumáticos específicos para retratar o mundial. Rodrigues apresenta o Maracanazo e destaca a responsabilidade/culpa de Barbosa. O goleiro, considerado um dos grandes de sua época, tem destacada sua falha em vez de suas boas defesas. É válido ressaltar o peso que a Copa de 1950 teve, pois as carreiras dos jogadores ficaram marcadas pela derrota, a ponto da maioria nunca mais vestir a camisa nacional (PERDIGÃO, 2000).

No estudo da crônica, ainda é possível identificar a estrutura utilizada por Rodrigues. O escritor falava de futebol como “um embate psicológico, dramático, em que valores como autoconfiança e lealdade estavam em campo” (PIZA, 2011, p. 118), como pode ser conferido:

Ele sofre um constante, um ininterrupto desgaste emocional. Debaixo dos três paus, parado, dá ideia de um chupa-sangue que não faz nada, enquanto os outros se matam em campo. Ilusão! Na verdade, mesmo sem jogar, mesmo lendo gibis, o goleiro faz mais do que o puro e simples esforço corporal. Ele traz consigo uma sensação de responsabilidade que, por si só, exaure qualquer um. (RODRIGUES, 1994, p. 69).

O sentimentalismo utilizado por Rodrigues é característico da crônica com estrutura folhetinesca que, segundo Marques (2000), utiliza emoções baratas, como a narração do chute a gol do Santos seguida da defesa de Barbosa, e reviravoltas, como a eternidade do goleiro mesmo após o “frango” de 1950 e sua velhice: “O velho Barbosa! Digo “velho” e já retifico: – não é velho coisa nenhuma” (RODRIGUES, 1994, p. 68).

O processo folhetinesco adotado por Rodrigues ainda permite a adição de enredos paralelos, como ir da “longínqua e quase inexistente Escandinávia” (RODRIGUES, 1994, p. 68) à Copa de 1950 e posteriormente ao jogo de 1959. Também é possível identificar o uso da expressão “amigos” e a iniciação do texto com um fato – “Barbosa está fora do Brasil” - para em seguida relaciona-lo ao futebol - “mas mesmo assim continua notícia nacional pelo seu futebol” (RODRIGUES, 1994, p. 68).

Por fim, a fragmentação está presente nas crônicas de Nelson Rodrigues, prolongando a história e criando suspense. A crônica “A eternidade de Barbosa” trata do mesmo jogo da crônica anterior, a final do Torneio Rio – São Paulo de 1959.

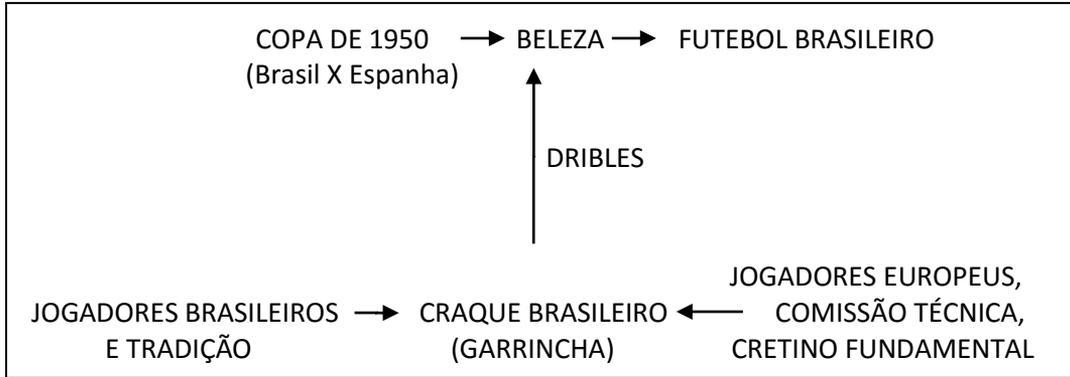
## O essencial é supérfluo

A crônica “O essencial é supérfluo” foi originalmente publicada no jornal “O Globo” em 26 de março de 1977, no ano anterior a morte de Nelson Rodrigues (RODRIGUES, 1994, p. 186-187). Trata-se da última crônica escrita com a presença da Copa de 1950 e disponibilizada nas coletâneas utilizadas para compor o corpus desta pesquisa. Nela, o jornalista escreve sobre o craque brasileiro e sua relação com a beleza, essencial ao seu futebol (RODRIGUES, 1994).

Para exemplificar a beleza no craque brasileiro, Rodrigues utiliza a figura de Mané Garrincha e seu futebol alegre em uma partida contra a Itália em 1958, antes da Copa do mesmo ano. Após driblar por duas vezes os jogadores italianos, incluindo o goleiro, Garrincha fez o terceiro gol brasileiro, mas a comissão técnica, “furiosa, achou Mané um irresponsável e não merecia vestir a camisa do escrete” (RODRIGUES, 1994, p. 187).

O cronista pernambucano cita também o jogo entre Brasil e Espanha na Copa de 1950 para mostrar que, apesar da derrota para o Uruguai, a seleção brasileira apresentou um futebol de “arrasar a Espanha”, goleando por 6 a 1. Nelson Rodrigues afirma que “assim jogamos nós”, tradicionalmente um futebol brasileiro recheado de dribles e beleza, pois “o essencial para os nossos craques é o supérfluo” (RODRIGUES, 1994, p. 187).

Para entender a narrativa e o papel da Copa do Mundo de 1950 nesta crônica, encontramos os sete atuantes (Figura 3) propostos por Greimas (1973).



**Figura 4: “O essencial é supérfluo” no modelo atual de Greimas**

**Fonte:** Elaboração da autora a partir de Greimas (1973)

O craque brasileiro, representado por Garrincha, é o sujeito. É importante lembrar que sujeito sempre está em busca de algo, e o craque brasileiro deseja driblar para alcançar a beleza (objeto): “o craque brasileiro não abre mão da beleza. Uma simples vitória será muito menos se não for beleza. [...] e, então, pensei no Mané” (RODRIGUES, 1994, p. 186).

Ainda segundo Greimas (1973), o sujeito é referente ao destinatário, ou seja, o craque faz parte do futebol brasileiro (destinatário) e é para ele que levasse a beleza: “assim jogamos nós [seleção brasileira]. Não dispensamos esta coisa supérflua, mas vital, que é a beleza. [...] Conte este episódio para definir o futebol brasileiro” (RODRIGUES, 1994, p. 187).

O destinador, por sua vez, é referente ao objeto e chama o sujeito para ação, ou seja, a Copa de 1950 (destinador), principalmente a goleada e o “show” de dribles de Brasil e Espanha, provoca o craque brasileiro a mostrar que a beleza é parte fundamental do futebol brasileiro, sendo possível ganhar – com belas apresentações – a Copa de Mundo, correspondendo às expectativas nacionais. Por causa da exibição contra a seleção espanhola acreditou-se que a seleção brasileira venceria por 8 a 0 a Copa de 1950, o que não ocorreu, mas foi, segundo Rodrigues (1994), com o futebol alegre de Garrincha – como visto em campo em 1950 – que o Brasil começou a ganhar a Copa de 1958.

Vocês se lembram de 58 e quem não se lembra de 58? Ainda sangrávamos da frustração de 50. Depois de arrasar a Espanha, o Brasil tinha tudo para ganhar do Uruguai (até a finalíssima, o Uruguai só fizera exibições medíocres). E o Brasil inteiro esperava

uma vitória por grande escore. No sábado, véspera do último jogo, encontrei-me com o espíquer Gagliano Netto. Perguntei-lhe: – “Quem ganha?”. Eis a resposta fulminante: – “Brasil 8 x 0”.

Pois entramos por um cano deslumbrante, nas barbas de 200 mil brasileiros. Foi uma tragédia pior que a de Canudos. Só os cretinos fundamentais estavam radiantes. Em 54, outra desilusão. Já dizíamos, uns para os outros, numa voz cava: – “Nunca seremos campeões do mundo”.

Vocês sabem quando o Brasil começou a ser campeão do mundo. Foi em 58, no caminho da Suécia. O Brasil tinha programado dois jogos na Itália. Ganhamos ambas as partidas pelo mesmo escore: – 4 x 0. Num dos jogos, Mané mostrou como era o futebol brasileiro. (RODRIGUES, 1994, p. 186).

Na busca pelo desejo, o craque brasileiro encontra ainda o oponente e o adjuvante. O adjuvante auxilia o craque, neste caso é a tradição brasileira no futebol, pois já havíamos goleado a Espanha anteriormente em 1950 e no jogo de 1958, “Mané mostrou como era o futebol brasileiro” (RODRIGUES, 1994, p. 186). Além da tradição, os próprios jogadores nacionais são também adjuvantes, tocando a bola para Garrincha mesmo quando este não passa de primeira (RODRIGUES, 1994).

Enquanto a tradição e os jogadores brasileiros favorecem o caminho do craque, os jogadores europeus, a comissão técnica brasileira e o “cretino fundamental” são os oponentes. Os jogadores europeus pois há um “cavo abismo que existe entre os nossos craques e os europeus” (RODRIGUES, 1994, p. 187) e os “cretinos fundamentais” que dizem que “o futebol nada tem a ver com a arte” (RODRIGUES, 1994, p. 186) e ficam radiantes diante as derrotas do Brasil, como em 1950.

Já a comissão técnica brasileira não entende a importância da beleza para o futebol brasileiro e cria obstáculos, como repreender o craque por fazer dribles em uma partida.

Assim, porém, não entendeu nossa Comissão Técnica. Furiosa, achou Mané um irresponsável e não merecia vestir a camisa do escrete. O maravilhoso jogador passou dois jogos na cerca. Até que, contra a Rússia, a Comissão Técnica tomou juízo e pôs Mané no time. (RODRIGUES, 1994, p. 187).

Após demarcar os sete atuantes, pode-se concluir que, mesmo passados 27 anos da Copa de 1950 e após a seleção brasileira ser tricampeã mundial, a Copa realizada no Brasil continua viva na memória nacional e em Rodrigues, estando presente em sua crônica do ano

anterior a sua morte. Porém, não é somente a lembrança do Maracanazo que persiste.

Diferente das outras duas crônicas, nesta, o jornalista apresenta a goleada sobre a Espanha por 6 a 1 e o futebol bonito e alegre da seleção brasileira de 1950, considerada favorita ao título pela sua campanha gloriosa. Ao escolher estes elementos como destinador do futebol brasileiro, o dramaturgo interfere na construção da memória, segundo Le Goff (1990). Apesar do destaque para o bom futebol e de mostrar que houve beleza na 4ª edição do campeonato, Rodrigues ainda cita a dor do Maracanazo, que reforça a força traumática.

No estudo da crônica, ainda é possível identificar a estrutura utilizada por Rodrigues. Segundo Piza (2011), o jornalista falava de partida levando em consideração valores como autoconfiança, como quando Mané driblou os jogadores italianos e não satisfeito, “voltou, para driblar, novamente, o goleiro e a zaga. Só depois de tal devastação é que fez o gol” (RODRIGUES, 1994, p. 187), porém, se fosse um jogador sem confiança, teria chutado a gol antes. Rodrigues também capturou o valor cultural do esporte na sociedade.

Outro traço de Rodrigues, com base em Marques (2000), é sua imparcialidade nas crônicas. Torcedor declarado da seleção brasileira, se inclui nas emoções do texto: “ainda sangrávamos da frustração de 50” (RODRIGUES, 1994, p. 186) e “assim jogamos nós” (RODRIGUES, 1994, p. 187), além de aplicar juízo de valor a favor da seleção e seus craques, como “tomou juízo” e “mostrar o cavo abismo” (RODRIGUES, 1994, p. 187).

Também é notável a estrutura folhetinesca, que tem como principal atributo o sentimentalismo, presente na torcida brasileira, e emoções baratas, como na narração dos dribles de Garrincha. O processo folhetinesco possibilita ainda a adição de enredos paralelos e, nesta crônica, há quatro: o futebol brasileiro no ano em que a crônica foi escrita – 1977 –, a Copa de 1958, o jogo de Mané antes da Copa em 1958 e a Copa de 1950. A fragmentação da narrativa é utilizada como forma de suspense. Nelson Rodrigues dizia em suas crônicas que depois falaria sobre determinado assunto e voltava ao mesmo.

## **Considerações finais**

As crônicas de Rodrigues analisadas foram escritas em anos distintos – 1958, 1959 e 1977 –, podendo dar um panorama da escrita do

jornalista. Apesar da distância entre as datas de publicação originais, 19 anos de diferença entre a primeira e a última, foram identificadas semelhanças entre as crônicas do autor.

As principais características da escrita de Rodrigues e seu modelo de crônica permaneceram imutáveis e foram verificadas na análise. Apontamos quatro como principais: primeiramente, a utilização do embate psicológico e a consideração de valores dentro de campo, apontada por Piza (2011), que representa o valor cultural do esporte na sociedade; em segundo lugar, a parcialidade do autor, torcedor declarado do Fluminense e do Brasil.

O terceiro ponto é o uso da expressão “amigos” e da estrutura folhetinesca, identificada por Marques (2000), como o sentimentalismo, as emoções baratas, o suspense e as reviravoltas, além de iniciar seu texto com notícias, para depois relaciona-las ao assunto, e adicionar enredos paralelos. A estrutura folhetinesca ainda é marcada pela fragmentação da narrativa, pois Rodrigues dizia em suas crônicas que depois falaria sobre determinado assunto e voltava ao mesmo, não necessariamente no dia seguinte, o que nos leva ao quarto ponto.

O cronista esportivo voltava posteriormente e regulamente a Copa de 1950. A presença do evento realizado no Brasil é um fator narrativo característico das crônicas de Rodrigues. Porém, apesar de ser constantemente lembrada, a competição é utilizada em posições diferentes nas narrativas. Usando o modelo atuacional de Greimas (1973), no caso das crônicas analisadas, o campeonato esteve duas vezes como destinador do sujeito e uma vez como oponente. Como destinador, a Copa de 1950 chama o sujeito para a ação, surgindo como um motivador, incentivando o sujeito a superar aquele campeonato e a alcançar os seus objetivos. Enquanto como oponente, atrapalha o sujeito e cria um obstáculo, característico da posição narrativa: o “complexo de vira-latas” que acompanha o brasileiro.

É importante lembrar que o autor destaca mais do que um único momento da Copa de 1950. Nesta pesquisa, foi identificado em uma crônica o jogo Brasil contra Espanha, em que o futebol brasileiro jogou com arte e goleou os espanhóis, e as outras duas utilizaram o trauma do Maracanazo – Brasil contra Uruguai –, em que os brasileiros sofreram com a tragédia.

A Copa de 1950 faz parte da memória esportiva. Devido a dificuldade de informações conservadas – problema apontado por Unzelte (2009) –, o acontecimento é revisto sob a ótica dos que vivenciaram o

acontecimento – jogadores, imprensa e torcedores –, o que ajuda a perpetuar lendas, como, lembra Perdigão (2000), o silêncio após o gol de Ghiggia. Os depoimentos e mesmo os outros materiais produzidos posteriormente sobre o assunto sofrem interferência do produtor de conteúdo, como destaca Le Goff (1990). Não que isso torce o acontecimento irreal, mas modifica a forma de transmitir e quais os elementos específicos.

A Copa de 1950 continua sendo citada na imprensa e em outros produtos, sempre a partir da interferência do produtor. Após a derrota do Brasil para a Alemanha na Copa de 2014, também realizada em solo brasileiro, a imprensa nacional optou por menosprezar o Maracanazo, romantizando a derrota e “perdoando” os jogadores da seleção de 1950. Porém, ao contrário do que a imprensa atual divulga, o Maracanazo foi realmente uma tragédia brasileira e trouxe consequências para a nação, que se sentiu inferiorizada por muito tempo, e para a seleção brasileira, ora desacreditada pela derrota e ora inspirada.

A Copa de 1950 foi recheada de particularidades e momentos épicos, além de ser o primeiro grande evento a ser realizado no Brasil. Com grande comoção nacional, o campeonato marcou o esporte mundial e, se não todos os brasileiros, os 200 mil torcedores que estiveram presentes no Estádio do Maracanã e o jornalista Nelson Rodrigues.

## Referências

**#NELSONEXPLICA.** 2014. Disponível em:

<<http://www.claro.com.br/celular/promocoes-pos/emocao-do-futebol/nelson-explica>>. Acesso em: 11 dez. 2014.

**7 CAPAS de jornais brasileiros sobre Brasil 1 x 7 Alemanha.** 2014.

Disponível em: <<http://impedimento.org/7-capas-de-jornais-brasileiros-sobre-brasil-1-x-7-alemanha/>>. Acesso em: 29 set. 2015.

BAGGIO, Luiz Fernando. **Enciclopédia das Copas do Mundo.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Terra, 2013.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

**Dicionários Michaelis** - Dicionário Online – UOL. 2015. Disponível em <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=zebra>>. Acesso em: 29 set. 2015.

**FOLHA DE S. PAULO** (São Paulo). Herói do Maracanazo, Ghiggia morre no dia em que título completa 65 anos. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/2015/07/1656765-heroi-do->

maracanazo-ghiggia-morre-no-dia-em-que-titulo-completa-65-anos.shtml>. Acesso em: 29 set. 2015.

**GLOBOESPORTE.COM** (Brasil). Imprensa espanhola cria sua versão própria do Maracanazo: 'Maracantazo'. 2013. Disponível em:

<<http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/06/imprensa-espanhola-cria-sua-versao-propria-do-maracanazo-maracantazo.html>>. Acesso em: 29 set. 2015.

GREIMAS, Algirdas Julius. **Semântica estrutural**: Pesquisa de Método. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. Edição da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cultrix: 1973.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5ª ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.

**O QUE é a Copa das Confederações**. [2013]. Disponível em:

<<http://www.copa2014.df.gov.br/o-que-e-copa-das-confederacoes/5360-o-que-e-copa-das-confederacoes>>. Acesso em: 06 out. 2015.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

**PLACAR**. De volta para o futuro: como estão os estádios da Copa do Mundo de 1950. 2014. Disponível em:

<<http://placar.abril.com.br/materia/de-volta-para-o-futuro-como-estao-os-estadios-da-copa-do-mundo-de-1950>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. Ruy Castro (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. Ruy Castro (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RODRIGUES, Nelson. **Como é que se identifica um cretino**. 2014. Disponível em:

<<http://esporte.uol.com.br/publieditorial/nelsonexplica#/2014/claro/nelsonexplica/como-e-que-se-identifica-um-cretino/>>. Acesso em: 06 out. 2015.

RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SURPRESAS desagradáveis. **Especial Revista Placar**: A Saga da Jules Rimet - A história das Copas de 1930 a 1970, São Paulo, n. 4 – Brasil 1950, p.10-13, nov. 2005. Mensal.

UNZELTE, Celso. **Jornalismo esportivo**: retratos de uma paixão, v.4. Magaly Prado (Org.). São Paulo: Saraiva, 2009.